

Artigo original

Conhecimento sobre doações de órgãos e tecidos na população de Cachoeiro de Itapemirim/ES

Hércules Lázaro Morais Campos*, Dalza Gomes da Silva, D.Sc.** , Searom Capucho Moraes***, Fernanda Moura Vargas Dias, M.Sc.****

*Fisioterapeuta pelo Centro Universitário São Camilo/ES, Pesquisador da Iniciação Científica do Centro Universitário São Camilo/ES, **Engenheira Agrônoma, Especialista em Educação, Professora Adjunta da Universidade Federal de Rondônia, ***Mestrando em Ciência da Educação, ****Fisioterapeuta, Doutoranda em Ciências Fisiológicas na UFES, Professora do colegiado de Fisioterapia do Centro Universitário São Camilo/ES*

Resumo

Sabe-se que a cidade de Cachoeiro de Itapemirim é um pólo de referência em saúde na região Sul do Estado do Espírito Santo. Contudo, considerando o tamanho da população, o número de doações apresenta-se ínfimo e as discussões éticas sobre este assunto são escassas na região. Este estudo teve o objetivo de problematizar os aspectos bioéticos e culturais que envolvem a doação de órgãos na cidade de Cachoeiro de Itapemirim. Constatou-se que boa parte dos entrevistados (64,80%) já pensou na possibilidade de doar seus órgãos, porém somente (21,30%) disseram ser doadores de órgãos e tecidos. A população é bem informada sobre a doação de órgãos e tecidos, mas não discute o assunto em família ou em outros ambientes.

Palavras-chave: bioética, transplante de órgãos, saúde.

Abstract

Knowledge on donations of organs and tissues in the population of Itapemirim/ES

The city of Cachoeiro is a pole of reference in health in the southern of Espírito Santo state. However, considering the population size, the number of donations is negligible and the ethical discussions on this subject are scarce in the region. This study aimed to discuss the bioethical and cultural issues of organ donation in the city of Cachoeiro de Itapemirim. It was found that most respondents (64.80%) have thought about the possibility of donating their organs, but only (21.30%) reported being donors of organs and tissues. The population is well informed on organ donation and tissues, but does not discuss the matter with the family or in other environments.

Key-words: bioethics, organ transplantation, health.

Recebido em 20 de maio de 2011; aceito em 10 de junho de 2011.

Endereço para correspondência: Hércules Lázaro Morais Campos, Rua Neuza Ferreira, 11, 29304-033 Cachoeiro de Itapemirim ES, E-mail: herculeslmc@hotmail.com

Resumen

Conocimiento acerca de donación de órganos y tejidos en la población de Cachoeiro de Itapemirim/ES

Como es sabido, la ciudad de Cachoeiro de Itapemirim es un polo de referencia en salud en la región Sur del estado de Espírito Santo. Sin embargo, considerando el tamaño de la población, el número de donaciones es muy pequeño y las discusiones éticas acerca del asunto son escasas en la región. Este estudio tuvo como objetivo problematizar los aspectos bioéticos y culturales que involucran la donación de órganos en la ciudad de Cachoeiro de Itapemirim. Se constató que la gran parte de los encuestados (64,80%) ya pensó en la posibilidad de donar sus órganos, pero apenas (21,30%) dijeron ser donantes de órganos y tejidos. La población es bien informada acerca de la donación de órganos y tejidos, pero no discute el asunto con la familia o en otros ambientes.

Palabras-clave: bioética, trasplante de órganos, salud.

Introdução

A ideia deste artigo baseia-se principalmente em suscitar uma discussão Bioética e social, despertando e conscientizando as pessoas para um assunto tão complexo e cheio de tabus como a doação de órgãos e tecidos. A Bioética, ramo da ética que trata das ciências da vida e dos cuidados de saúde, buscando a harmonização dos interesses individuais (pacientes, profissionais de saúde) e coletivos, tem se ocupado intensamente com essas questões. Como instância mediadora dos conflitos morais, cabe a ela articular as várias moralidades em jogo, problematizar as práticas existentes e ser um instrumento para a busca de soluções éticas nos cuidados com a vida e na assistência à saúde [1], não alheio a isso, a situação dos transplantes de órgãos.

No final do ano 2007 e início de 2008 a cidade de Cachoeiro de Itapemirim/ES viveu uma polêmica por causa de doações de cadáveres que não foram plenamente efetivadas e levadas ao conhecimento da população pela mídia, o que causou uma grande comoção social e discussão entre as pessoas sobre a doação de órgãos e tecidos. Assim, fez-se necessário descobrir o que a população cachoeirense pensa sobre o assunto “doação de órgãos e tecidos”.

Transplantação, transplante ou enxerto é a cirurgia pela qual se insere, num organismo hospedeiro, um tecido colhido num doador. Também se chama autotransplante ou transplante autoplástico a transferência de tecidos de um lugar para o outro no mesmo organismo; homo-transplante ou transplante homólogo ou homoplástico, quando o transplante se dá entre indivíduos da mesma espécie [2].

As experiências pioneiras em transplantes surgiram de fato, por volta da década de 50, nos Estados Unidos da América, onde foi realizado com sucesso, um transplante de rim entre gêmeos univitelinos [3].

No Brasil, a era dos transplantes teve início no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de São Paulo (USP), na década de 1960, sendo hoje essa instituição, um centro de referência e de desenvolvimento de tecnologia nacional e internacional em determinadas áreas de transplante [3].

Um grande salto para as pesquisas com transplantes de órgãos ocorreu na década de 60 com os avanços na medicação imunossupressora em seres humanos, que aumentaram o sucesso dos transplantes de rins, possibilitando os transplantes de outros órgãos e tecidos. Ainda com sucesso limitado foram realizados transplantes de medula, pulmão, fígado e pâncreas. Transplantes de ossos e pele foram acrescentados como opções a mais na área dessas cirurgias [3].

A efetivação da técnica de transplante de órgãos e tecidos suscitou debates éticos e morais, principalmente no que diz respeito aos moralistas, chegando muitas vezes a ser questionado o domínio do homem sobre o seu próprio corpo e os riscos que os transplantes podem oferecer, principalmente quando realizados entre vivos [4]. Aconteceram até exageros em muitas dessas discussões: por exemplo, sobre o transplante de coração, que na cultura ocidental relaciona-se aos sentimentos, sendo este questionado muitas vezes por sua conveniência [4]. Atualmente, esse sentimento foi parcialmente superado, mas persiste em muitas famílias a mentalidade que perturba e atrapalha as doações. Para algumas pessoas, entretanto, se dá o contrário, pois essas vêm na

doação um modo de “existir” da pessoa amada que não está mais presente.

Tanto para o médico como para a população precisa estar sempre claro a diferença que existe entre “necessidade de um transplante” e “demanda”. Por “necessidade” de um transplante entende-se o número de pessoas que morrem do próprio problema que tornara o transplante necessário, ou aquelas que são mantidas em condições terapêuticas subótimas na ausência de transplante (ex: diálises, na condição de insuficiência renal). Já a “demanda” significa o número de pacientes que estão imediatamente à espera de um transplante e constam das listas [4].

O transplante de órgãos ainda é uma terapêutica onerosa e inacessível a grande parte da população brasileira, e trás consigo dilemas legais, humanitários e culturais que influenciam decisivamente na vida do receptor e no futuro da ciência que está baseada em avanços e tentativas de descoberta do processo de cura das mais diversas doenças [5].

A doação de órgãos é um ato pelo qual a pessoa manifesta a vontade de que, a partir do momento da constatação da morte encefálica, uma ou mais partes do seu corpo (órgãos ou tecidos), em condições de serem aproveitadas para transplante, possam ajudar outras pessoas. O passo principal para ser um doador é conversar e informar a família sobre esse desejo após a morte. Não é necessário deixar nada por escrito. Porém, os familiares devem se comprometer a autorizar a doação por escrito após a morte [6]. A doação pode ser realizada ainda entre vivos quando a mesma não apresentar riscos para ambas as partes.

Após a morte, a doação só será efetivada depois de uma bateria de exames que comprovem com exatidão a morte encefálica. Considera-se como potencial doador todo paciente em morte encefálica. No Brasil, o diagnóstico de morte encefálica é definido pela Resolução CFM N° 1480/97, devendo ser registrado em prontuário um Termo de Declaração de Morte Encefálica, descrevendo os elementos do exame neurológico que demonstram ausência dos reflexos do tronco cerebral, bem como o relatório de um exame complementar [7]. Para constatação do diagnóstico de Morte Encefálica é inicialmente necessário certificar-se de que:

- 1) O paciente tenha identificação e registro hospitalar;
- 2) A causa do coma seja conhecida e estabelecida;
- 3) O paciente não esteja hipotérmico (temperatura menor que 35°C);

4) O paciente não esteja usando drogas depressoras do Sistema Nervoso Central;

5) O paciente não esteja em hipotensão arterial [7].

Após essas certificações, o paciente deve ser submetido a dois exames neurológicos que avaliem a integridade do tronco cerebral. Estes exames são realizados por dois médicos não participantes das equipes de captação e transplante [7].

A relevância desta pesquisa consiste na carência de informações quanto aos fatores culturais, morais e éticos envolvidos na tomada de decisão do indivíduo em se tornar doador.

Material e métodos

Realizou-se uma pesquisa exploratória, qualitativa, empregando a técnica de entrevista semiestruturada, numa amostra alcançada de 122 pessoas maiores de 21 anos. Todos os participantes foram selecionados aleatoriamente em pontos estratégicos do município de Cachoeiro de Itapemirim/ES que possui uma população de 180.984 habitantes [8]. A pesquisa foi realizada de dezembro de 2007 a março de 2008. O projeto foi previamente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, do Centro Universitário São Camilo/ES (n° do Coep: 005).

Foi garantido, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, absoluto sigilo das informações e dos sujeitos da pesquisa, os quais não sofreram nenhum dano, moral ou físico, ao aceitarem participar desta investigação, conforme preconiza a resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta a pesquisa com seres humanos. As informações foram coletadas mediante a aplicação do questionário composto pelas seguintes questões abertas demonstradas no Quadro 1.

Foi empregada a amostragem probabilística por área [9]. As entrevistas foram realizadas até o momento em que o pesquisador verificou a repetitividade das opiniões e os dados foram considerados suficientes para uma análise qualitativa, usou-se a categoria de aproximação semântica, quando começaram a repetitividade das ideias. Os conhecimentos pesquisados na população referem-se aos aspectos legais, culturais e sociais. Os dados foram tabulados conforme as normas da estatística descritiva, expressos em frequência absoluta e confrontados com a literatura.

Quadro 1 - Questionário sobre os aspectos bioéticos e o conhecimento da população de Cachoeiro de Itapemirim em relação a doação de órgãos e tecidos.

1) Você já pensou na possibilidade de doar seus órgãos?
2) Você é doador de órgãos?
3) Você sabe o caminho, as vias públicas e privadas para se cadastrar como doador?
4) Qual o seu maior medo frente a doação de órgãos no Brasil?
5) Você já pensou em uma solução para essa problemática?
6) Tivemos no país uma lei que se podia colocar no documento de identidade ou na carteira de motorista o desejo de ser ou não doador de órgãos e tecidos pós a morte; que foi mal interpretada pela população, atingindo principalmente as famílias num todo e muitas vezes negativamente. Frente sua morte, a sua família respeitaria a sua decisão, de ser ou não doador de órgãos e tecidos?
7) Em sua família é discutido o assunto doação de órgãos?
8) O que prega sua igreja sobre doação de órgãos?
9) De um modo especial você cresceu sendo informado sobre esse assunto (doação de órgãos e tecidos)?
10) Você acredita que o nosso sistema de saúde, de fato, cobre todas as despesas gastas com um paciente a espera de um transplante?
11) Você acredita que a mídia divulga e desperta na população o desejo da doação de órgãos e tecidos?
12) Você já viu na TV ou em outro meio de comunicação algo incentivando a doação de órgãos?
13) Você tem conhecimento do número de pacientes a espera de um transplante em seu município?

Resultados

Em relação aos resultados encontrados nesta pesquisa pode-se perceber que quando as pessoas eram perguntadas se já haviam pensado na possibilidade de doar seus órgãos, a grande maioria respondeu que sim (Figura 1). Contudo, ao serem questionadas se eram de fato doadoras de órgãos e tecidos, a grande maioria respondeu que não eram doadoras de órgãos e tecidos (Figura 2).

Figura 1 - Percentual de pessoas que já pensaram na possibilidade de doar seus órgãos.

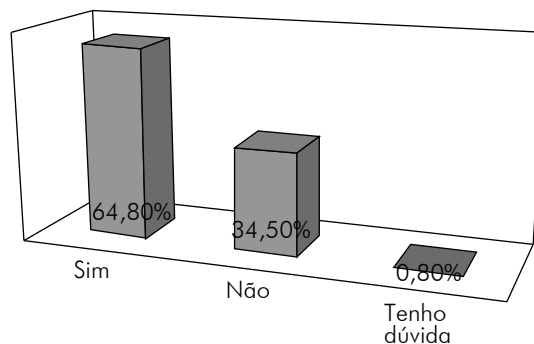
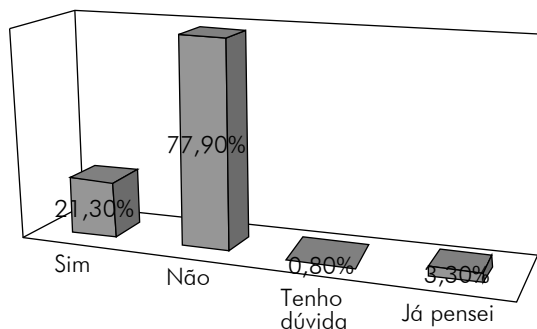
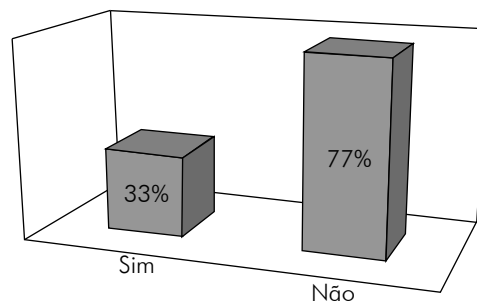


Figura 2 - Percentual de pessoas que se dizem doadoras de órgãos.



Como é demonstrado na Figura 3, a maior parte da população relata não ter informações sobre os procedimentos necessários para ser um doador, sendo que estes referem-se somente ao desejo de doar, manifestado pela família, para a equipe de saúde, após a morte do doador.

Figura 3 - Percentual de pessoas que sabem o que é necessário para ser doador de órgãos no Brasil.



Ao se perguntar sobre o maior medo que as pessoas possuem quando pensam em doar seus órgãos (após a morte), a maioria respondeu não ter nenhum medo (40,2%), embora seja necessário ressaltar que grande parte da população tenha expressado temer o tráfico de órgãos (32,8%).

Ao serem questionados sobre uma solução para a falta de doadores de órgãos no município

a maioria não soube que resposta dar (56,6%) e 18,9% acreditam que falta conscientização da vontade real de doar.

Os entrevistados também foram arguidos se, pós-morte, achavam que suas famílias respeitariam sua vontade de serem ou não doadores de órgãos. Na concepção dos entrevistados, a maioria teria sua vontade de ser doador respeitada pela família (Figura 4). Contudo, ao serem questionadas se o assunto doação de órgãos e tecidos era conversado em suas casas, a maior parte dos entrevistados responderam que não falam sobre o assunto em família (Figura 5).

Figura 4 - Percentual de pessoas que acreditam que pós-morte sua decisão de ser ou não doador seria respeitado por sua família.

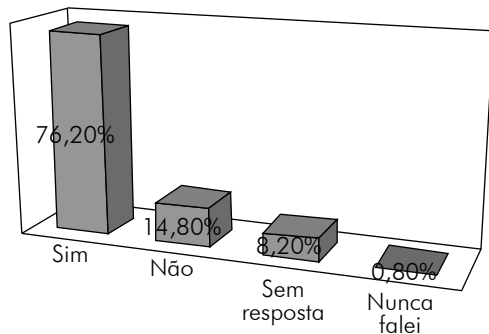
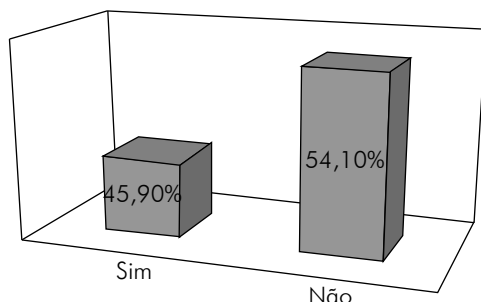


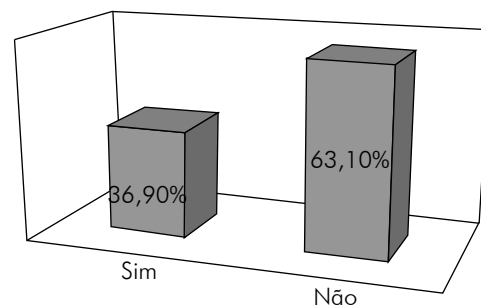
Figura 5 - Percentual de pessoas que afirmam discutir o assunto doação de órgãos e tecidos em suas famílias.



Em relação aos aspectos religiosos envolvidos nas doações de órgãos, a maior parte das pessoas disse que sua religião apoia e incentiva a doação de órgãos e tecidos (42,7%) e a outra metade (39,4%) não soube informar se suas religiões eram a favor ou contra a doação de órgãos e tecidos.

Questionou-se ainda se o entrevistado alguma vez, fora da sua família, já havia discutido o assunto doação de órgãos e tecidos, a maioria disse que não (Figura 6).

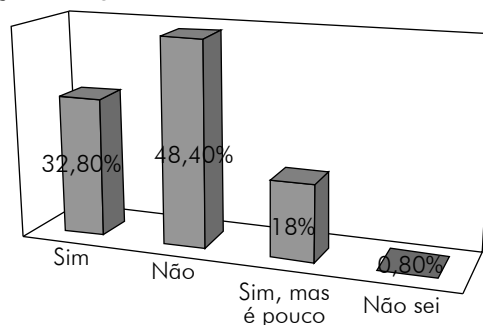
Figura 6 - Percentual de pessoas que cresceram sendo informadas do assunto doação de órgãos e tecido (escola, igreja, grupo de amizades, outros ambientes).



Quando questionadas se as mesmas acreditavam que o Sistema Único de Saúde (SUS) cobria todas as despesas de um paciente a espera de um transplante, a maioria disse que não (76,2%), demonstrando desconhecer a política do SUS que apóia consideravelmente o tratamento destes pacientes.

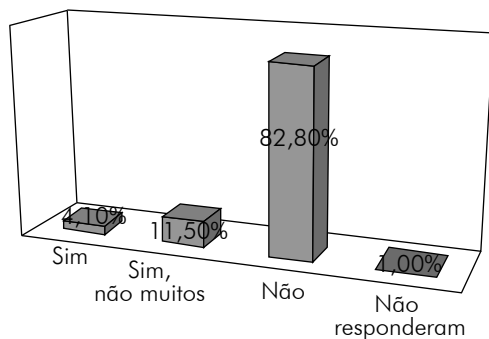
Em relação ao apoio que a mídia dá ao enfoque doação de órgãos e tecidos, a maior parte dos entrevistados disse que, em sua opinião, esse incentivo não existe (Figura 7). Contudo, ao serem questionadas se já assistiram na TV ou outro meio de comunicação campanhas incentivando a doação de órgãos e tecidos a maior parte dos entrevistados (77%) disse ter assistido ou lido algo sobre o assunto.

Figura 7 - Percentual de pessoas que acreditam que a mídia apoia e desperta na população o desejo pela doação de órgãos.



Buscando entender o envolvimento do cachoeirense com a problemática da doação de órgãos, foi questionado se o entrevistado tinha informação sobre o número de pessoas que espera um órgão em Cachoeiro de Itapemirim, a maioria mencionou não ter nem ideia desta fila (Figura 8).

Figura 8 - Percentual de pessoas que tem conhecimento sobre o tamanho da fila de espera e a quantidade de pessoas que estão à espera de um órgão em Cachoeiro de Itapemirim.



Discussão

No Brasil, em diversos aspectos, que vão além de ter ou não ter doadores, a doação de órgãos ainda é uma problemática. Surgem a todo momento normas, planos, que visam amenizar a espera agonizante de tantos pacientes por um órgão.

No Sul do Estado do Espírito Santo, Cachoeiro de Itapemirim é referência na área da saúde [10]. No entanto, no que diz respeito à captação de órgãos para transplantes, ainda é carente de uma política direcionada para a doação de órgãos. No ano de 2007 realizou-se em Cachoeiro de Itapemirim 6 doações de órgãos e tecidos o que corresponde a 46,2% das doações do estado, sendo o total de 66 doações no primeiro semestre de 2007 [11]. Por outro lado, Cachoeiro de Itapemirim já conta com uma infraestrutura e profissionais especializados pelo Ministério da Saúde (Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos do Espírito Santo [11]).

Se por um lado conta-se com a solidariedade e boa vontade dos possíveis doadores, por outro surgem inúmeras dúvidas a respeito do procedimento doação-transplante de órgãos notado quando as pessoas demonstram terem pensado em ser doadoras de órgãos e tecidos (Figura 1), mas o negam quando são questionadas se são doadoras (Figura 2). Assim, impera a necessidade de mobilizar a população e as autoridades de saúde para o estabelecimento de uma política de doação de órgãos nesta região. A doação de órgãos e tecidos para transplantes é um assunto de relevância social e científica, uma vez que envolve a forma como outra vida é perpetuada em outro corpo [12].

Constatou-se carência de informações e conhecimento sobre o assunto, como pode ser observado

na Figura 3, quando os entrevistados foram questionados sobre seu conhecimento a respeito dos caminhos, nas vias públicas e privadas para ser doador.

Além disso, outro fato que reforça a falta de informação sobre a doação de órgãos pode ser ressaltado pela Figura 8, quando as pessoas demonstraram não ter conhecimento do tamanho da fila de espera por um órgão em Cachoeiro de Itapemirim, ou quando demonstram que o assunto não é discutido em família e nem em outros ambientes sociais (Figura 5 e 6). Assim, justifica-se a necessidade de um programa de esclarecimento e mobilização da população para captação de órgãos nessa região.

Espera-se com os resultados desta pesquisa contribuir para uma política de conscientização e de mobilização sobre a humanização da doação de órgãos e tecidos na sociedade sul capixaba.

Vale ressaltar que as campanhas de incentivo à doação de órgãos são muito importantes e notadas pelas pessoas e ser de longo alcance como se vê na Figura 7. Porém, não bastam campanhas temporárias, é preciso implantar de uma vez programas permanentes, e que atinjam de fato a população, e incentivem as pessoas à prática da solidariedade. Desta forma, todo este trabalho precisa ser desenvolvido em perfeita harmonia com as administrações dos hospitais e com as equipes de médicos responsáveis pela utilização dos órgãos e tecidos doados. Desta maneira, os cidadãos que decidirem contribuir, de forma solidária para com os semelhantes, terão a certeza de que seus gestos nobres e desinteressados serão respaldados em justas medidas clínicas e humanitárias [4].

Tentou-se implantar no Brasil, na expectativa de ajudar no aumento das doações de órgãos e tecidos, uma sugestão que existe atualmente como norma de livre acesso na Espanha (onde todos aqueles que desejam doar seus órgãos manifestam através de um documento). No Brasil, a ideia surgiu como lei e obrigatoriedade, surtindo efeito contrário. Assim, todos aqueles que não quisessem ser doadores deveriam manifestar em documentação de identidade ou de habilitação o não desejo. A consequência foi de total desentendimento da população (Lei nº9.434/97). A tentativa da lei presumida foi mal interpretada, pois atenta, sobretudo contra a liberdade individual e no caso de morte encefálica, sobre a liberdade da família. A doação presumida e compulsória é um ato de coação. Doar órgãos seja de vivo ou de cadáver é um ato de solidariedade humana e, como tal, há que ser livre. Doação com-

pulsória não é doação, é confisco. É uma violência retirar órgãos à revelia da vontade da família [7].

Atualmente para que a doação aconteça após a morte basta que a família esteja consciente desse desejo manifestado pelo doador ainda em vida. Para ser doador não é necessário deixar nada por escrito, mas é fundamental comunicar à sua família o desejo da doação. A família sempre se aplica na realização deste último desejo, que só se concretiza após a autorização desta, por escrito [4].

A sociedade baseia-se na unidade familiar, que deve ser respeitada por todos. Por essa razão, as equipes de transplante continuaram, na sua maioria, apesar da lei, a solicitar autorização das famílias para a retirada dos órgãos [4]. Um fato importante a ser considerado na pesquisa é que as pessoas demonstraram não conhecer que para ser doador de órgãos e tecidos no País basta que a família saiba (Figura 3).

Outro ponto que merece ser avaliado é que o fenômeno dos transplantes assume características que estão intimamente ligadas ao ato: provocam emoções profundas e ampla repercussão na opinião pública, debate apaixonado entre as opiniões divergentes sobre a liceidade moral e as repercussões sociais e econômicas desse procedimento, bem como coloca em evidência exasperante os protagonistas, equipe, doador, receptor, família [3].

A questão de transplantes ainda merece mais estudos e discussões entre a população científica e leiga [4].

Conclusão

Neste estudo, os resultados demonstram que a decisão de se tornar um doador de órgãos e tecidos no Sul do Estado do Espírito Santo está imerso em princípios e valores intrínsecos e extrínsecos ao homem, manifestados através da sua leitura cultural de mundo e conhecimento sobre o assunto doação de órgãos e tecidos.

A importância da divulgação e conhecimento da intenção das pessoas por parte de seus familiares em relação à doação de órgãos é fundamental no momento da autorização de uma doação. O cacheirensense é bem informado sobre a doação de órgãos e tecidos, assiste na TV, lê sobre o assunto, porém não discute o assunto em família e nem com os amigos.

Em conclusão, há divergências nas respostas constatando carência de informações e conhecimento sobre o assunto, justificando um programa de esclarecimento e mobilização para captação de órgãos nessa região.

Referências

1. Fortes PAC, Zoboli ELCP. Bioética e saúde pública. São Paulo: Loyola; 2003.
2. Leone S, Privatera S, Cunha JT. Dicionário de bioética. Traduzido por Rocha AM. São Paulo: Santuário Aparecida; 2001. p. 1101
3. Lima EDRP, Magalhães MBB, Nakamae DD. Aspectos ético-legais da retirada e transplantes de tecidos, órgãos e partes do corpo humano. *Rev Latinoam Enfermagem* 1997;5(2):5-12.
4. Pessini L, Barchifontaine CP. Problemas atuais de bioética. 5a. ed. São Paulo: Loyola; 2000.
5. Batista MA, Alves PSA, Cipriano EC. Compreensão de valores culturais: um elo na decisão de ser ou não doador de órgãos e tecidos. *Nursing* 2007;10(114):502-8.
6. Portal da Saúde. Ministério da Saúde: Doação de órgãos e tecidos. [citado 2010 Dez 10]. Disponível em URL: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude>.
7. ABTO. Associação Brasileira de Transplantes de Órgãos e Tecidos. [citado 2010 Dez 10]. Disponível em URL: <http://www.abto.org.br>.
8. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, População das cidades brasileiras. Cachoeiro de Itapemirim: IBGE; 2007.
9. Marconi MA, Lakatos EM. Técnicas de pesquisa. 4a ed. São Paulo: Atlas; 1999.
10. Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim. Secretaria Municipal da Saúde, 2008.
11. Central de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos do Espírito Santo. Espírito Santo, (CNCDO/ES); 2008.
12. Duarte GF, Feltrim CMB, Sekine CC, Serra MF. Central de Transplantes de Maringá: relato de experiência. *Nursing* 2005;80(8):38-42.